Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/11/2026 e 26/11/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
20/11/2026	12,20	341,00	59,81	5,74	4,34
23/11/2026	12,28	345,70	59,36	5,77	4,34
24/11/2026	12,34	353,00	58,11	5,69	4,34
25/11/2026	12,44	361,60	58,08	5,65	4,39
26/11/2026	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
Média	**12,32**	**350,32**	**58,84**	**5,71**	**4,35**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	**149,00**	
RS – Não-Me-Toque	**149,00**	
PR – Pato Branco	**145,50**	
PR – M.C.Rondon	**143,00**	
MT – C.N.Parecis	**136,00**	
MS – Maracaju	**148,00**	
GO - Rio Verde	**140,00**	
BA – L.E.Magalhães	**150,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**66,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**72,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**60,00**	
SC – Rio do Sul	**61,00**	
PR – M.C.Rondon	**55,00**	
PR – Pato Branco	**59,00**	
MT – C.N.Parecis	**43,00**	
MS – Maracaju	**50,00**	
SP – Itapetininga	**65,00**	
SP – Campinas	**68,00**	CIF
GO – Rio Verde	**53,00**	
GO – Jataí	**53,00**	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**73,00**	
PR – Pato Branco	**81,00**	
PR – M.C.Rondon	**81,00**	

Período: 25/11/2026
SC=Sem Cotação.
(*) Valor de compra
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/11/2026

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**62,28**	**148,00**	**71,85**

ND = Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/11/2026

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**78,94**
Feijão (saco 60 Kg)	**227,67**
Sorgo (saco 60 Kg)	**50,00*** **
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**4,93**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**2,56****
Boi gordo (Kg vivo)*	**12,77**

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias
(**) Referência Setembro/26, cf. Cepea/Esalq
(***) Cf. Notícias Agrícolas
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

Em função do feriado na quinta-feira (26) nos EUA (Ação de Graças), a semana foi mais curta em Chicago. O fechamento da quarta-feira (25) ficou em US$ 12,44/bushel, acusando uma boa recuperação em relação há uma semana antes, quando o fechamento havia sido de US$ 12,07.

A forte recuperação do farelo, que chegou a US$ 361,60/tonelada curta no dia 25/11, ganhando 14% de seu valor nos últimos 14 dias úteis em Chicago, e as boas exportações estadunidenses estariam na origem deste movimento altista.

A colheita nos EUA está oficialmente encerrada e o volume colhido teria ultrapassado as 124 milhões de toneladas, confirmando um recorde histórico.

Por outro lado, os embarques de soja nos EUA, na semana encerrada em 19 de novembro, continuaram positivos, atingindo a 1,6 milhão de toneladas, fato que acumulou um total de 17,5 milhões de toneladas no atual ano comercial iniciado em setembro. Este volume representa 59% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. Metade do volume semanal foi adquirido pela China.

E aqui no Brasil, após o câmbio bater em 6 reais por dólar nos últimos dias, o câmbio cedeu e chegou a R$ 5,82 mais para o final da semana. Mesmo assim, os preços da soja se mantiveram firmes. No Rio Grande do Sul, as principais praças praticaram R$ 149,00/saco, enquanto no restante do país os mesmos oscilaram entre R$ 136,00 e R$ 150,00/saco. Lembrando que um mês atrás os valores oscilavam entre R$ 136,00 e R$ 141,00/saco e um ano atrás eles estavam entre R$ 118,00 e R$ 126,00. Ou seja, em relação há um ano atrás os preços, finalmente, melhoraram bem ganhando entre 15% a 20%.

Nos portos brasileiros, os preços atuais estão ao redor de R$ 172,50/saco FOB. Mas é preciso atenção para o início de 2027. O comportamento dos prêmios de exportação, para os primeiros meses do próximo ano, deverão recuar fortemente caso a safra venha cheia (para o período março a maio os mesmos já estão negativos, com a situação melhorando a partir de julho) (cf. Brandalizze Consulting). Ao mesmo tempo, o câmbio, em condições normais, deve ceder. A dúvida será o comportamento de Chicago, embora o viés tenda a ser de baixa diante da pressão da safra sul-americana. Lembrando que a futura safra brasileira está projetada entre 181 e 187 milhões de toneladas.

Já o plantio da nova safra 2026/27 atingia, no dia 19/11, a 86% da área brasileira esperada, contra 81% um ano atrás na mesma época (cf. AgRural). Por enquanto, o clima tem colaborado de forma geral para o seu bom desenvolvimento, apesar de problemas climáticos pontuais em algumas regiões. No Centro-Sul brasileiro o plantio, na mesma data, atingia a 90% da área esperada.

Enquanto isso, as exportações brasileiras de farelo de soja e outros alimentos para animais cresceram 19% na média diária embarcada nas três primeiras semanas de novembro. Foram 1,46 milhão de toneladas exportadas nos 13 dias úteis destas três semanas. O preço médio de exportação apresentou valorização significativa, com a

tonelada passando a US$ 452,70, contra US$ 343,90 em novembro de 2025, representando aumento de 31,6% (c f. Secex).

Por outro lado, estudo do Imea aponta que a safra de soja do Mato Grosso, em 2035/36 (daqui a 10 anos) deverá atingir ao redor de 70 milhões de toneladas, com alta de 36% sobre o colhido em 2025/26. A área plantada com a oleaginosa deverá crescer 26,1% no mesmo período, para 16,4 milhões de hectares, com uma taxa anual de 2,35% em 10 anos. Na década anterior, quando havia maior disponibilidade de áreas, o avanço foi de 3,4% ao ano. Ou seja, a área continuará avançando, porém, em ritmo menor. Com isso, o aumento da produtividade ganha ainda maior importância. Neste sentido, o estudo indica que a mesma tende a crescer 7,6% em 10 anos, passando para 71,04 sacos/hectare, em média, graças ao avanço tecnológico. Isso tudo em clima normal evidentemente.

Pelo sim ou pelo não, para o produtor brasileiro, “a combinação entre Chicago, câmbio e prêmios continua oferecendo oportunidades de comercialização, especialmente para a soja disponível. Para a temporada 2026/27, entretanto, a perspectiva de uma oferta recorde e de maior pressão sazonal durante a colheita reforça a importância do planejamento comercial e do aproveitamento das oportunidades de formação de preços antecipadamente” (cf. Brandalizze Consulting).

Enfim, retoma-se o importante alerta feito semanas atrás. Se aproxima a data da aplicação das novas regras da União Europeia contra o desmatamento, o que coloca em alerta a indústria brasileira de processamento de soja e ameaça provocar uma reorganização do comércio internacional de farelo a partir de 2027. Com o bloco europeu ocupando a posição de principal mercado comprador do derivado nacional, o Brasil poderá enfrentar dificuldades para manter parte de suas exportações, enquanto Argentina e Estados Unidos se movimentam para ampliar sua participação entre os consumidores europeus. O risco vai além da possível perda de compradores, pois o redirecionamento do farelo brasileiro para outros destinos poderá exigir descontos mais expressivos, pressionar os diferenciais de exportação, alterar as margens de esmagamento e, consequentemente, interferir na formação dos preços pagos pela soja aos produtores brasileiros. Lembrando que em 2025 o Brasil exportou o volume recorde de 23,3 milhões de toneladas de farelo de soja, tendo a União Europeia como seu principal mercado. O país também respondeu por aproximadamente metade das importações europeias do derivado, segundo dados da Federação Europeia dos Fabricantes de Rações (FEFAC). Neste ano de 2026, de janeiro a outubro, as exportações brasileiras de farelo de soja alcançaram 21,8 milhões de toneladas, registrando um crescimento de 11,5% em relação ao mesmo período do ano passado. Somente em outubro o Brasil exportou aproximadamente 2,36 milhões de toneladas do derivado, com receita de US$ 985 milhões, resultado 40,3% superior ao registrado no mesmo mês de 2025 em valor. A entidade avalia que até 4 milhões de toneladas de farelo brasileiro poderão enfrentar dificuldades para acessar o bloco europeu diante das exigências de rastreabilidade previstas nas regras de desmatamento europeias. O volume representa aproximadamente 17% das exportações nacionais registradas no ano passado. A aplicação de tais regras está prevista para iniciar em 30 de dezembro de 2026. E, em tudo isso, vale lembrar que ainda há uma questão central: caso o Brasil perca parte de suas vendas à União Europeia, será necessário encontrar compradores capazes de absorver esses volumes em outros mercados, possivelmente em condições comerciais menos favoráveis (cf. Agrinvest).

Enfim, para o produtor rural brasileiro os possíveis impactos “poderão aparecer de forma indireta, por meio das margens de esmagamento e da formação dos preços da soja no mercado doméstico. Mas este impacto, entretanto, não será necessariamente igual para todas as regiões. A localização das indústrias, a demanda doméstica, os custos logísticos, o comportamento do óleo de soja, os prêmios de exportação e as oscilações cambiais também terão influência sobre a formação dos preços. Assim, mais do que uma mudança nas exigências ambientais e comerciais da União Europeia, a aplicação de tais regras poderá provocar uma reorganização dos fluxos internacionais de soja e farelo, alterando a concorrência entre Brasil, Argentina e Estados Unidos e criando novos desafios para a comercialização da produção brasileira em 2027 (cf. Agrinvest).

MERCADO DO MILHO

Na Bolsa de Chicago, a cotação do milho pouco oscilou nesta semana, com o fechamento da quarta-feira (25) ficando no mesmo nível de uma semana antes, ou seja, US$ 4,39/bushel. Na prática, o milho pouco sofreu consequências da recuperação da soja, com o mercado acompanhando de perto aos desdobramentos das novas propostas tarifárias anunciadas pelos Estados Unidos, às relações comerciais entre americanos e chineses e os possíveis impactos dessas medidas sobre os fluxos globais de commodities agrícolas.

Em paralelo, a colheita nos EUA chegou a 94% da área total no dia 22/11, contra a média histórica de 96% para este período. Já os embarques estadunidenses de milho atingiram a 1,19 milhão de toneladas na semana encerrada em 19/11, ficando acima das expectativas do mercado. Entretanto, o acumulado do ano comercial 2026/27, iniciado em setembro, aponta para 13,7 milhões de toneladas exportadas, sendo ele 22% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Assim como no caso da soja, o posicionamento dos Fundos de investimento no mercado futuro do milho é fundamental, pois os mesmos têm influenciado muito o comportamento das cotações. Dados da Comissão de Negociação de Futuros de Commodities dos Estados Unidos (CFTC), divulgados no dia 20/11, mostraram que os os Fundos tinham 8.769 contratos em posição líquida vendida em futuros e opções de milho na semana encerrada em 17 de novembro. Isso puxa as cotações para baixo no curto prazo, porém, favorece movimentos de recompras no médio prazo, quando os preços apresentam recuperação.

Em tal contexto, os preços do milho no Brasil continuaram em certa estabilidade, com as principais praças gaúchas praticando R$ 60,00/saco e no restante do país os valores giraram entre R$ 43,00 e R$ 65,00/saco. Já na B3, em meados da corrente semana, os futuros do milho registraram os seguintes valores: o contrato março/27 em R$ 76,69 por saco, maio/27 em R$ 75,52, julho/27 em R$ 75,20, e setembro/27 a R$ 75,75 por saco.

O mercado físico brasileiro registra uma perda de ritmo por parte dos vendedores. Os produtores aproveitaram a recente valorização do dólar para intensificar a comercialização da soja. Assim, o comportamento do câmbio continua sendo uma das principais variáveis para a formação dos preços do milho no Brasil.

Por sua vez, há indicações de que 40 milhões de toneladas de milho da safrinha recentemente colhida ainda estão disponíveis para comercialização (cf. Consultoria Agro do Itaú BBA). Esse volume poderá pressionar os preços internos para baixo caso os produtores precisem ampliar as vendas para liberar espaço nos armazéns e reforçar o caixa antes da chegada da safra de verão.

Enquanto isso, as exportações brasileiras de milho ganharam força na terceira semana de novembro. Assim, nos primeiros 13 dias úteis do mês o Brasil exportou 4,77 milhões de toneladas do cereal, com a média diária sendo 38,5% mais elevada em relação a de novembro de 2025 (Cf. Secex). Mesmo assim, o país está um tanto longe de alcançar o acumulado anual do ano anterior.

Enfim, estudo do Imea apontou que, daqui 10 anos (em 2035/36) a safra de milho do Mato Grosso tende a atingir 82 milhões de toneladas, com alta de 41,2% sobre o colhido em 2025/26. O maior motivo, neste caso, será o aumento da área cultivada e, em menor grau, os ganhos de produtividade. De fato, o estudo indica que a área plantada com o cereal deverá crescer 32,4% no período, para 9,84 milhões de hectares, com uma taxa anual de 2,85%. O ritmo, contudo, ficará abaixo do observado na década anterior, quando a área avançou 5,6% ao ano. A expansão deverá ser sustentada principalmente pela crescente demanda pelo cereal. Além do mercado externo, o consumo no Mato Grosso ganhou força com a expansão das cadeias de proteína animal e, mais recentemente, da indústria de etanol de milho.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado em Chicago, para o trigo, continuou apresentando perda de valor nesta semana. O bushel do cereal fechou a quarta-feira (25) em US$ 5,65, contra US$ 5,78 uma semana antes. O fechamento do dia 25/11 foi o mais baixo desde o dia 25 de fevereiro passado, quando o bushel igualmente atingiu a US$ 5,65.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA atingiu a 95% da área esperada até o dia 22/11, contra 97% na média. Quanto às condições das lavouras, 54% das mesmas estavam entre boas ou excelentes, 34% regulares, 9% ruins e 3% muito ruins. Neste momento, as lavouras deste trigo estão em melhores condições do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Já as exportações estadunidenses do cereal somaram 344.900 toneladas na semana encerrada em 19/11, ficando acima das expectativas do mercado. Mesmo assim, o acumulado do atual ano comercial, iniciado em junho, está 33% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior, atingindo a 8,6 milhões de toneladas apenas.

E na Argentina, a colheita de trigo, safra 2026/27, avança, com a produção final do país sendo estimada em 23,4 milhões de toneladas (cf. Bolsa de Cereais de Buenos Aires). Já o plantio de soja, no vizinho país, para o ano 2026/27 está 30,4% concluído, enquanto o plantio de milho atingiu 51,5%. A produção total de soja da Argentina está estimada em 53,6 milhões de toneladas, enquanto a Bolsa estima que a safra de milho atinja a 66 milhões de toneladas.

E no Brasil, os preços do trigo ficaram estáveis, registrando R$ 73,00/saco nas principais praças gaúchas e R$ 81,00/saco no Paraná.

Diante da péssima colheita deste ano, as importações aumentam. Nos 13 primeiros dias úteis do mês, a média diária do volume importado ficou 59,1% acima do registrado em igual momento de novembro de 2025 (cf. Secex). O avanço foi mais expressivo em valor. O gasto médio diário com as importações cresceu 84,3% na comparação anual, refletindo não apenas o maior volume adquirido, mas também preços médios mais elevados. O preço médio do trigo e centeio importados está aproximadamente 15,9% acima do registrado no mesmo período de 2025. Assim, novembro poderá ser um dos meses de mais forte importação recente de trigo.

ntraENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br